ResearchGate

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: https://www.researchgate.net/publication/353757332

AVALIAÇÃO E ATITUDES SOCIOLINGUÍSTICAS NO PORTUGUÊS EUROPEU MADEIRENSE

Article *in* Revista de Letras · August 2021

DOI: 10.36517/revletras.40.1.12

CITATIONS
3

READS
89

1 author:

Aline Bazenga
University of Madeira
127 PUBLICATIONS **131** CITATIONS

SEE PROFILE

All content following this page was uploaded by Aline Bazenga on 31 October 2021.

The user has requested enhancement of the downloaded file.

AVALIAÇÃO E ATITUDES SOCIOLINGUÍSTICAS NO PORTUGUÊS EUROPEU MADEIRENSE

Aline Bazenga

RESUMO Esta pesquisa apresenta análises sobre avaliaçãolinguística no portuguêseuropeu madeirense, através de corpora (entrevistas sociolinguísticas selecionadas a partir da amostra Funchal do CORPORAPOT e Corpus Sociolinguístico do Funchal (CSF)) e de questionários no âmbito de trabalhos de investigação realizados por Andrade (2014), Rodrigues (2018) e Nunes (2019). Foram selecionadas para um exame mais detalhado, duas variáveis sociolinguísticas, objeto de estudos anteriores focados na produção linguística: a realização anafórica de OD (variantes não padrão - *ele, lhe* e realização nula - e variante padrão, com clítico *o*) e as construções existenciais (variante não padrão - com *ter* - e variante padrão - com *haver*). O objetivo central é contribuir para o conhecimento mais aprofundado da sociedade insular, amplamente heterogênea do ponto de vista sociodemográfico e linguístico. Pretende-se, ainda, refletir sobre a possível influência dos significados sociais dos usos linguísticos e dos mecanismos subjacentes a esta inter-relação, de modo a melhor perceber se estamos perante uma comunidade de fala madeirense ou de uma pluralidade de comunidades de fala locais, geográfica e socialmente situadas na ilha da Madeira. Os resultados mostram, por um lado, que os falantes madeirenses têm consciência da diversidade linguística existente no território insular e do seu significado social, e, por outro, existe uma tendência à correlação entre variáveis sociolinguísticas e variáveis sociais (idade e nível de escolaridade dos participantes) que deverá ser levada em conta nos futuros trabalhos de investigação.

Palavras-Chave: Avaliação Sociolinguística; Variáveis Linguísticas; Português Madeirense.

Abstract

Doutorada em Linguística Francesa, Professora Associada na Universidade da Madeira, Portugal.

This research presents analysis on the linguistic evaluation of the Madeiran Portuguese, through corpora (sociolinguistic interviews selected from the Funchal sample of CORPORAPOT and Corpus Sociolinguístico do Funchal (CSF) and using questionnaires carried out within the research work of Andrade (2014), Rodrigues (2018) and Nunes (2019). Two sociolinguistic variables were selected for a more detailed examination: the anaphoric realization of OD (non-standard variants - he, him and zero realization - and the standard variant, with clitic o) and the existential constructions (non-standard variant - with having - and standard variant - with having). The main objective of this analysis is to contribute to a better understanding of island society, which is widely heterogeneous from a sociodemographic and linguistic point of view. Secondly, we intend to use this study to reflect on the influence of the social meanings of the different linguistic uses and the underlying mechanisms in this interrelation, in order to better understand whether we have a Madeiran speech community or a plurality of local speech communities, geographical and socially located in the island of Madeira. The results show, that on one hand, Madeiran speakers are aware of the linguistic diversity in the island territory and its social significance, and, on the other hand, there is a tendency of correlation between sociolinguistic variables and social variables (age and level of schooling of participants) that should be considered in future research work.

Keywords: Sociolinguistic Evaluation; Linguistic Variables; Madeiran Portuguese.

1. Introdução

Doutorada em Linguística Francesa, Professora Associada na Universidade da Madeira, Portugal.

A situação linguística do arquipélago da Madeira é caracterizada pela sua singularidade no quadro dialetal do Português Europeu (PE) e pela sua diversidade interna, não existindo "uma unidade linguística a que possamos chamar corretamente Dialecto da Madeira", mas sim "um complexo conjunto de dialetos de um modo ou de outro distintos e por vezes muito divergentes entre si" (CINTRA, 2008, p. 99), realidade confirmada por estudos dialetométricos recentes, como o de Brissos, Gillier e Saramago (2016). Os autores deste estudo observam que, face a uma "coerência areal na distribuição da variação lexical do arquipélago", é possível que a variação fonética tenha maior expressão e que contribua de modo mais significativo para subdivisões internas, marcadas pela coexistência de vários sotaques.

Do ponto da variação sintática, estudos mais recentes e de base empírica, como os de Carrilho e Pereira (2011), Pereira (2014), a partir de dados do CORDIAL-SIN (Corpus Dialetal para o Estudo da Sintaxe)[1], e os de Vianna (2011), Bazenga (2015, 2019) e Rodrigues (2018), com análises de amostras do CORPORAPORT[2] e/ ou do CSF (Corpus Sociolinguístico do Funchal) [3] apontam igualmente para a ocorrência de fenômenos variáveis, alguns não muito

[1]CORDIAL-SIN, ou projeto do *Corpus Dialetal para o Estudo da Sintaxe*, iniciado em 1999, é coordenado desde então por Ana Maria Martins, do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL). Contém dados provenientes de 42 pontos de inquéritos selecionados a partir do Arquivo Sonoro do CLUL, constituído por materiais sonoros provenientes dos projetos de projetos de geografia linguística (ALEAç, ALEPG, ALLP, BA). Cf. Página do projeto no CLUL: http://www.clul.ulisboa.pt/recurso/cordial-sin-syntax-oriented-corpus-portuguese-dialects.

[2]O CORPORAPORT, ou Corpora do Português, é um projeto coordenado por Sílvia Vieira e Sílvia Brandão (UFRJ, Brasil) que integra entre várias amostras de variedades de português falado, as que foram coletadas para o projeto Concordância (*Estudo Comparado dos Padrões de Concordância em Variedades Africanas, Brasileiras e Europeias*). Iniciado em 2008, trata-se de um projeto internacional, coordenado por Sílvia Rodrigues Vieira (UFRJ, Brasil) e Maria Antónia Mota (CLUL, Portugal). Em Portugal continental foram recolhidas 25 gravações em Lisboa/Oeiras, 27 gravações no Cacém, cidade--dormitório vizinha de Lisboa, além de 27 gravações no Funchal, na ilha da Madeira. Estas últimas entrevistas sociolinguísticas foram realizadas por estudantes da Universidade da Madeira, sob a coordenação de Aline Bazenga, da mesma universidade, que podem ser consultadas aqui: http://corporaport.letras.ufrj.br/corpora/corpus-concordancia/pe-funchal/.

[3]O Corpus Sociolinguístico do Funchal (CSF) está em construção. A primeira fase ocorreu entre 2010-2012, no âmbito do projeto internacional *Concordância* (cf. nota 2). Desta fase resultam 27 entrevistas (gravações e transcrições) a informantes do Funchal. A segunda fase, entre 2013 e 2015, já no âmbito do projeto ARPOFAMA (Arquivo do Português Falado na Madeira), no CIERL-UMa (Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais da Universidade da Madeira), deu origem à publicação online de 19 entrevistas, seguindo a mesma metodologia, disponíveis aqui: https://testuma.sharepoint.com/sites/investigacao/cierl/arpofama/Forms/AllItems.aspx?cid=ed35d72e%2D3413%2D4f26%2D9f11%2D819e94b4100a&RootFolder=%2Fsites%2Finvestigacao%2Fcierl%2Farpofama%2FCSF%20%28Corpus%20Sociolingu%C3%ADstico%20do%20Funchal%29%2F2012%2D2015&FolderCTID=0x012000921757376453494C8639A85EEC78F0D4. Está a decorrer a terceira fase (2016-2019).

Doutorada em Linguística Francesa, Professora Associada na Universidade da Madeira, Portugal.

frequentes e disseminados em variedades continentais do PE, e usos de variantes sintáticas não-padrão.

O estudo do significado social da variação, ou as representações que os falantes constroem da variação linguística, em termos de juízos de valor, é central na sociolinguística (CAMPBELL-KIBLER, 2011). O *problema da avaliação* constitui um dos cinco problemas / princípios propostos por Weinrich et al. (1968) que devem ser considerados para explicar a variação e a mudança linguística. Labov (1972) reconhece que há julgamentos sociais conscientes e inconscientes sobre a língua. Isso significa que nem todas as variantes linguísticas são efetivamente valorizadas de igual modo pelos falantes. Pelo contrário, a sua avaliação tende a diferir; umas são socialmente mais marcadas - negativa ou positivamente - do que outras, o que pode contribuir para diferentes velocidades nos processos de mudança linguística.

As variantes linguísticas apresentam também significados sociais que podem traduzir-se em diversas atitudes linguísticas, negativas ou positivas. O conceito de *atitude*, emprestado à psicologia social, tem sido, desde o trabalho inovador de Labov (1966) sobre a estratificação social do inglês na cidade de Nova York, objeto de numerosos estudos sociolinguísticos. Tradicionalmente, as atitudes são descritas como tendo três componentes: afetiva, ou os sentimentos de uma pessoa sobre o objeto de atitude; comportamental, ou a influência exercida no comportamento; e cognitivo, envolvendo o conhecimento de uma pessoa sobre o objeto de atitude, sem que tal implique necessariamente uma congruência dos três planos. Por exemplo, as componentes cognitiva e afetiva, por vezes, não combinam com o comportamento de um indivíduo em relação ao objeto de atitude, o que é particularmente relevante para o estudo das atitudes linguísticas. Deste modo, um falante pode considerar uma variedade / variante linguística específica importante e expressar sentimentos positivos em relação a ela, mas opta

---

Doutorada em Linguística Francesa, Professora Associada na Universidade da Madeira, Portugal.

por não a incluir no seu repertório de usos linguísticos (GARRETT, 2010; GUY, 2013; ALBARRACIN E SHAVITT, 2018; DRAGOJEVIC ET AL., 2020).

Por fim, cabe realçar que os correlatos subjetivos da variação linguística constituem o principal critério para delimitar uma comunidade de fala (LABOV, 1972), um conceito que visa dar conta da organização social da língua (ver também BOTASSINI, 2015). Este conceito não assenta unicamente na unidade da produção linguística e na sua sistematicidade. Apoia-se também em um conjunto de normas compartilhadas pelos falantes, resultante dos seus comportamentos avaliativos das variantes em uso (GUY, 2000).

Neste artigo, damos conta dos trabalhos realizados junto de falantes madeirenses no sentido de perceber o modo como eles se autoavaliam e avaliam os outros, no que se refere à sua forma de falar, por um lado, e aos seus julgamentos relativamente a variantes sintáticas reconhecidas como estando em uso na(s) comunidades(s) insulares, por outro. Procura-se, assim, obter mais informação que permita perceber em que medida estamos ou não perante uma comunidade de falar insular, ela própria constituída por várias comunidades de fala locais ou não. Tal como Oushiro (2015), parte-se do critério sociodemográfico – o de ter nascido e residir na ilha da Madeira – para examinar se os falantes madeirenses constituem, além de uma unidade geográfica e sociocultural, uma comunidade de fala.

Os trabalhos analisados, em linha com uma das metodologias preconizadas para a investigação em avaliação e atitudes linguísticas (GARRETT, 2010), têm em comum o método de medição *direto*, ou seja, aquele em que os investigadores pedem que os inquiridos se pronunciem sobre fenômenos linguísticos, através de entrevistas e/ ou de inquéritos/questionários. Neste tipo de método, contrariamente ao método *indireto* ou *matched-guise* (LAMBERT et al., 1960), o falante tem consciência de que as suas opiniões estão a ser avaliadas (PHARAO E KRISTIANSEN, 2019).

2. Atitudes e avaliações de falantes madeirenses

Doutorada em Linguística Francesa, Professora Associada na Universidade da Madeira, Portugal.

Os dados coletados, todos de forma *direta*, podem ser organizados em duas categorias, consoante a técnica adotada para a sua obtenção: (i) a *entrevista*, que contempla opiniões expressas pelos inquiridos, fazendo apelo aos seus juízos de valor (secção 2.1) e (ii) o *questionário fechado*, que apresenta perguntas de múltipla escolha, sem que o inquirido possa expressar-se livremente sobre determinado assunto (secção 2.2).

2.1 Entrevistas

As entrevistas sociolinguísticas a falantes madeirenses têm vindo a ser realizadas regularmente desde 2010, integradas no projeto Concordância (cf. nota 2) e, posteriormente no projeto ARPOFAMA (desde 2015, em curso), e do qual faz parte o CSF (cf. nota 3). Estes dois projetos seguem o mesmo protocolo metodológico. Os seus princípios orientadores são, em síntese, os seguintes: (i) escolha aleatória de informantes, mas que possam ser incluídos num dos perfis sociolinguísticos, concebidos em função de três variáveis sociais (sexo idade, nível de escolaridade); (ii) tempo de duração de entrevista nunca inferior a 30 minutos, e (iii) recurso a um guião / modelo do qual fazem parte questões que apelam à subjetividade dos inquiridos (autoavaliação e avaliação do modo de falar, seu e dos outros, respetivamente).

No que se refere à avaliação da diversidade de linguística e em resposta a perguntas, tais como “Nota diferença a forma de falar nas pessoas com quem convive?”, “Sabe se alguma uma pessoa é de um outro lugar pela sua forma de falar?”, os falantes entrevistados sublinham, por exemplo, a diferença entre a variedade urbana, falada no Funchal, e a variedade rural, designada por “falar do campo”, como observado no excerto em (1):

(1) sim depende de das zonas que_ da zona se é do funchal se é do campo sim há um_[uma] diferença [...] na pronúncia_isso (FNC11_MB2).

Mostram, também, ter conhecimento da existência de diferentes sotaques na ilha da Madeira, relacionados com localidades insulares, como o de Câmara de Lobos, Machico, Funchal, Calheta, Porto Santo, como referido nos exemplos dados em (2):

(2) a. também para dar uma imagem diferente daquela que nós temos morando neste ou naquele conselho é evidente que se você for falar com uma pessoa de câmara de lobos ehh ela à primeira vista fala com aquele sotaque que tem ou se falar com uma pessoa que é de machico também tem a mesma situação (FNC10_HC2.2).

b. sim porque quando eu vim aqui pó [para o] funchal não adquiri logo a fala daqui do funchal porque eu vim p'ra aqui com anos vim com as bases de lá da da calheta que é onde os meus pais moram por isso um pedaço pa me adaptar a falar aqui como o funchal é claro que noto diferença quando tou com os meus amigos no café eles falam à moda daqui eu ainda falo um pouco lá como a gente fala-se lá na calheta e por aí fora (FNC11_HA1).

c. INQ1: sim eh sabes se uma pessoa é de um outro lugar pela sua forma de falar?

INF: sim nota-se logo [...] _identifica-se logo que _ por não ao ou à [...] eh por exemplo da cidade de câmara de lobos acho que isso é notável (...) (FNC11_MB3).

d. acho que é as pessoas de machico de machico de eh são martinho [Funchal] _têm um sotaque diferente do resto do funchal (FNC11_HA3.1).

e. há outros sotaques o de machique [machico]_ hó [há o] do porto santo_ é eh_ é totalmente diferente de_ das pessoas que vivem na zona do funchal não é? (FNC13_HB1).

f. ehh às vezes sim_ depende há pess pessoas de certas zonas percebe-se logo d'onde são_ por exemplo_ os machiqueiros [de Machico] têm uma maneira de falar_ os camaras de lobos já têm uma maneira diferente_ camacheiros [da Camacha] também e por ali além (FNC15_HC1.4).

Por vezes, uma mesma variedade é objeto de opiniões depreciativas, como em (3a.) ou valorativas, como em (3b.):

(3) a. eh _ só se for machiqueiro [de Machico] mas o machiqueiro é mais peneirente[peneirento] mais eh _ quer tentar falar direito mas aldraba muite [muite] (FNC13_HB1.2).

b. eu para dizer a verdade eu gosto do sotaque machiqueire_ não é so porque o meu sogro foi de lá e a minha mulher tem raízes de machique [de Machico] e até porque se dizem que onde tá um machiqueiro tá um engenheire (risos) (FNC15-HC1.1).

Quando questionados sobre o seu sotaque e se alguma vez tentaram mudar a sua forma de falar, os inquiridos mostram ter consciência da avaliação social a que estão sujeitos e mencionam que, em certas situações, não devem falar de modo a ser identificados como sendo alguém inculto e rural, o equivalente a um "vilão", no léxico regional, como em (4a) ou como alguém que não sabe falar "direito", em (4b); outros apontam para o fato de terem querido mudar o seu sotaque madeirense procurando falar mais "à continental", em (4c.)

(4) a. bem_ehh quando nós falamos nós temos a a preocupação de querer parecer bem quando nós falamos_ _ ehh é assim num grupo de amigos a gente não se preocupa muito com a linguística a gente tá entre amigos fala-se ali fala-se bem evidente que quando por se tou a falar com um a gente tenta dar um certo jeitinho à voz para que as não saiam umà vilão e e depois quando tamos com outros interlocutores com pessoas que não conhecemos ou com quem lidamos poucas vezes nós ehhh tentamos mudar ou dar uma entoação diferente na forma de falar mostrar pronto ou que somos um pedacinho mais cultos não queremos parecer ali uns que não percebem nada de linguística ou da língua e [...] (FNC10_HC2.2).

b. claro já me esforcei um pedacinho mais pa falar mais direito_mas é um pouco difícil (FNC11_HA1).

c. na minha forma ó acho que toda a gente acho que toda a gente já a forma de falar principalmente nós madeirenses nós madeirenses acho que somos (...) porque nós temos a nossa maneira de falar como os açorianos têm como os do porto têm como os lisboetas têm é a nossa

maneira de falar (...) portanto já acho que já já tentei já uma fase da minha vida que eu tentei mudar a maneira de falar eh sei lá tentar falar mais como os continentais (FNC11_MA3).

A maioria dos entrevistados manifesta a sua preferência pelo sotaque madeirense. Alguns exemplos deste tipo de opiniões são fornecidos em (5), a seguir:

(5) a. o sotaque? gosto do nosso sotaque_o nosso sotaque madeirense é bonito_é [...] o que é nosso é nosso (risos) [...] eu acho que éé engraçado embora as pessoas os continentais e outras pessoas gozem [gozam] do nosso e mas também se formos a ver eeh (FNC11_MB2).

b. portanto acho que gosto do sotaque madeirense [...] embora _ haja haja continentais que tenham tentado imitar o madeirense e sai açoriano porque é a minha terra acho que temos de defender aquilo que é nosso hum portanto também (FNC11_MB3).

Destas entrevistas é possível perceber que os inquiridos manifestam ter consciência da diversidade de variedades geográficas e sociais insulares, da sua própria forma de falar, distinta das outras. Mostram, também, serem conhecedores das normas sociais dos usos linguísticos, do prestígio associado ao "falar direito" e do estigma do falar "aldrabado", e do falar "rural" ou à "vilão".

2.2 Questionários

Para além da dissertação de doutoramento de Vianna (2011), sobre a variação *nós* / *a gente*, que inclui um questionário escrito de preenchimento de lacunas, aplicado a 53 informantes de Lisboa e a 56 do Funchal, os únicos trabalhos que integram, nas suas análises, dados de avaliação produzidos por falantes madeirenses são, por ordem cronológica, os de Andrade (2014), Rodrigues (2018) e Nunes (2019). Desta lista, o primeiro, está inteiramente dedicado à análise de atitudes face à variação linguística. Já a dissertação de doutoramento de Rodrigues e o trabalho de seminário de mestrado de Nunes constituem estudos de interface produção/avaliação de variantes sintáticas.

Estes três trabalhos, objeto das secções seguintes, têm em comum o fato de terem formulado questionários com respostas fechadas e que permitem o seu tratamento estatístico.

2.2.1 Andrade (2014)

Na sua dissertação de mestrado, *intitulada Crenças, Perceções e Atitudes Linguísticas de Falantes Madeirenses*, Catarina Andrade procedeu à elaboração de um questionário e à sua aplicação em várias localidades da ilha da Madeira. Para além de conter questões sobre a autoavaliação das variedades faladas pelo inquirido e a avaliação que ele faz das variedades geográficas do português, em termos de *agradabilidade, inteligibilidade e diferença*, o questionário apresenta um conjunto de seis questões (seção C) que visam compreender de que forma são avaliadas as variantes padrão e não padrão de alguns fenômenos morfossintáticos variáveis, reconhecidamente em uso na ilha da Madeira. A maioria das perguntas (à exceção da seção A) prevê respostas avaliadas numa escala de Likert de um a cinco. Neste sistema escalar, o nível um representa a resposta mais negativa, o nível três, a imparcialidade (ou neutro) e o nível cinco, a mais positiva, consoante o atributo (*agradável*, *correto*, etc.) indicado. Participaram neste estudo 126 inquiridos, distribuídos por 7 localidades da ilha da Madeira (18 por localidade). Na análise, as avaliações foram correlacionadas com os perfis sociais dos inquiridos, em termos de sexo, idade, nível de escolaridade e localização (local de residência). Para este artigo, e para uma análise mais detalhada, foi selecionada a questão 4, e as repostas atribuídas, em termos de grau de "aceitabilidade", a cada uma das duas variantes não padrão de realização de OD anafórico: com o pronome *ele* "Sim, eu sei, eu vi *ele* ontem" e com o clítico *lhe* "Sim, eu sei, eu vi-*lhe* ontem" (Gráfico 1).

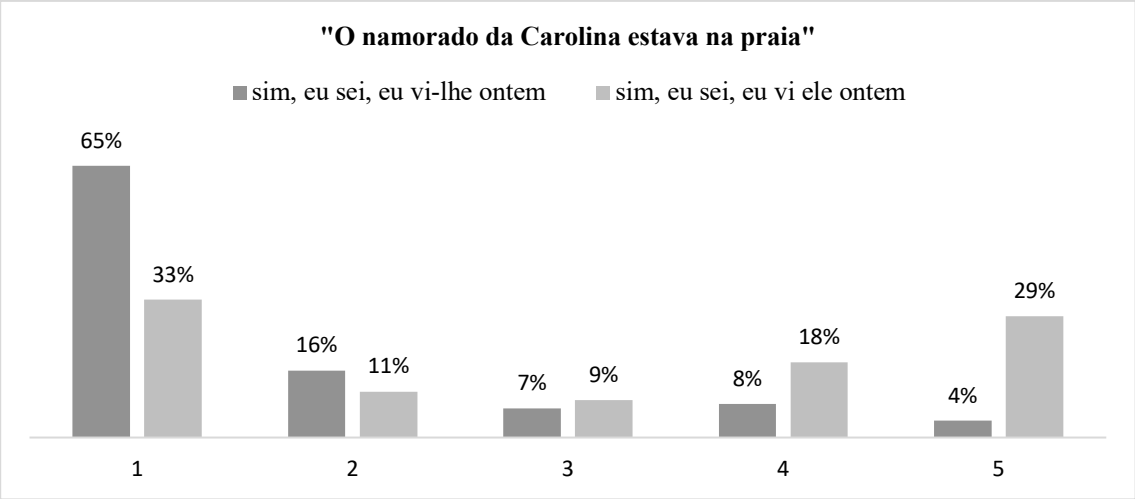

Gráfico 1. Variantes de realização de OD anafórico e Grau de Aceitabilidade (de 1, à esquerda, a 5)
Fonte: Elaboração própria a partir de Andrade (2014).

Os resultados globais mostram que a opção não-padrão, correspondente à realização com pronome *ele*, recolhe avaliações positivas significativas, em termos de aceitabilidade, 18% (valor 4) e 29% (valor 5). Já a variante com *lhe* é marcadamente rejeitada, obtendo 81% de juízos negativos (65%, na opção 1 e 16%, na opção 2).

Quando correlacionadas com fatores sociais, como a idade dos participantes e/ou o seu nível de escolaridade, as respostas mostram uma diferenciação social mais precisa. Com efeito, observa-se que a aceitabilidade de realização de OD com *lhe* aumenta consoante a idade dos informantes (12% nos mais jovens e 17% nos mais velhos), mantendo-se nestas duas faixas etárias com 50% nestas duas faixas etárias, relativamente à variante com *ele* (Gráfico2):

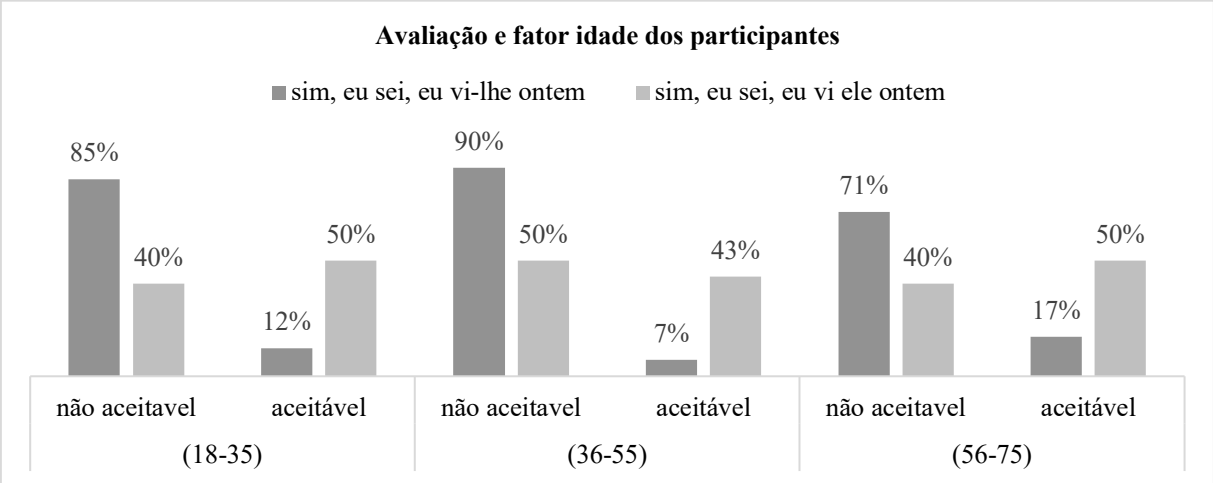

Gráfico 2. O fator idade dos participantes na avaliação das variantes não padrão com *ele* e *lhe* de realização de OD anafórico.
Fonte: Elaboração própria a partir de Andrade (2014).

Doutorada em Linguística Francesa, Professora Associada na Universidade da Madeira, Portugal.

O fator nível de escolaridade dos informantes é também responsável por maiores contrastes nos valores de aceitabilidade. Assim, são os informantes menos escolarizados quem mais aceita a variante com *lhe* (21%), em contraste com os informantes licenciados; destes, apenas 5% avalia positivamente esta variante (Gráfico 3). No que se refere à variante com *ele,* os valores de aceitabilidade atingem os 81% junto daqueles que têm menos estudos (Básico). A aceitabilidade desta variante vai diminuindo conforme os níveis de escolaridade vão aumentado: 36% (Secundário) e 26% (Superior).

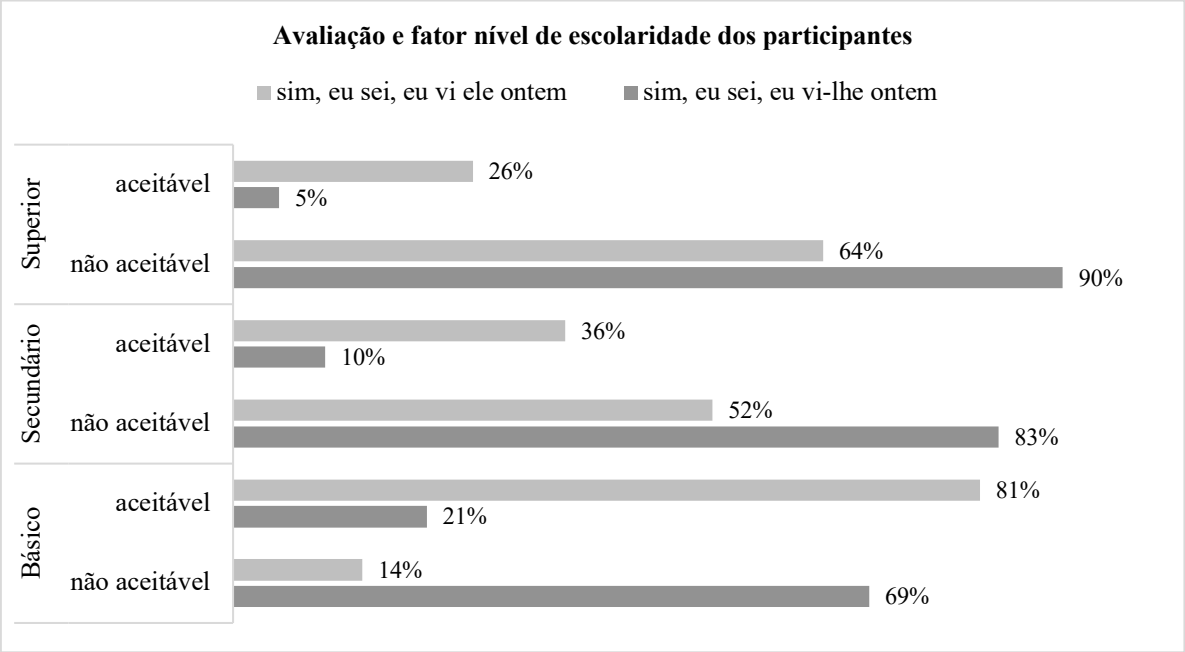

Gráfico 3. O fator nível de escolaridade dos participantes na avaliação das variantes não padrão com *ele* e *lhe* de realização de OD anafórico.
Fonte: Elaboração própria a partir de Andrade (2014).

2.2.2 Lorena Rodrigues (2018)

Na senda do trabalho desenvolvido por Andrade (2014), o inquérito desenvolvido por Lorena, no âmbito da sua dissertação de doutoramento, intitulada *O caso acusativo nos pronomes pessoais de terceira pessoa do português brasileiro e europeu*, teve como propósito aprofundar a questão da interpretação das variantes sintáticas de realização de OD anafórico, tendo por foco a comunidade jovem, urbana e mais instruída da sociedade insular. O questionário,

composto de seis perguntas, incide sobre as quatro variantes, representadas por *o*, *ele*, *lhe* e ϕ, a primeira considerada padrão e as três subsequentes não padrão. Para cada pergunta, o participante teria de selecionar uma de entre quatro tipos de resposta: (1 – Não falo/escrevo desse jeito, porque essa é a forma errada; 2- Uso essa forma na fala e na escrita em contextos informais; 3- Falo dessa forma, mas não escrevo e 4- Essa é forma correta de falar e de escrever). O questionário foi aplicado a 412 jovens, com idades compreendidas entre 18 e 25 anos, estudantes universitários, na Universidade da Madeira, em setembro de 2015.

A avaliação realizada por um grupo de participantes mais restrito da sociedade madeirense, que representa a jovem elite local, mostra, tal como esperado, que as variantes com *lhe* e *ele*, são as mais rejeitadas, com 71% e 80,7%, respetivamente, na variável 1 (= Não falo, nem escrevo), tida como indicadora de rejeição. Saliente-se, ainda, que os dados mostram que 22,1% dos universitários afirmam usar a variante com *lhe*, na modalidade falada do português, valor superior ao obtido pela variante com *ele* (18,5%), a qual mostrava valores de aceitabilidade muito superiores aos de *lhe* no estudo de Andrade (2014).

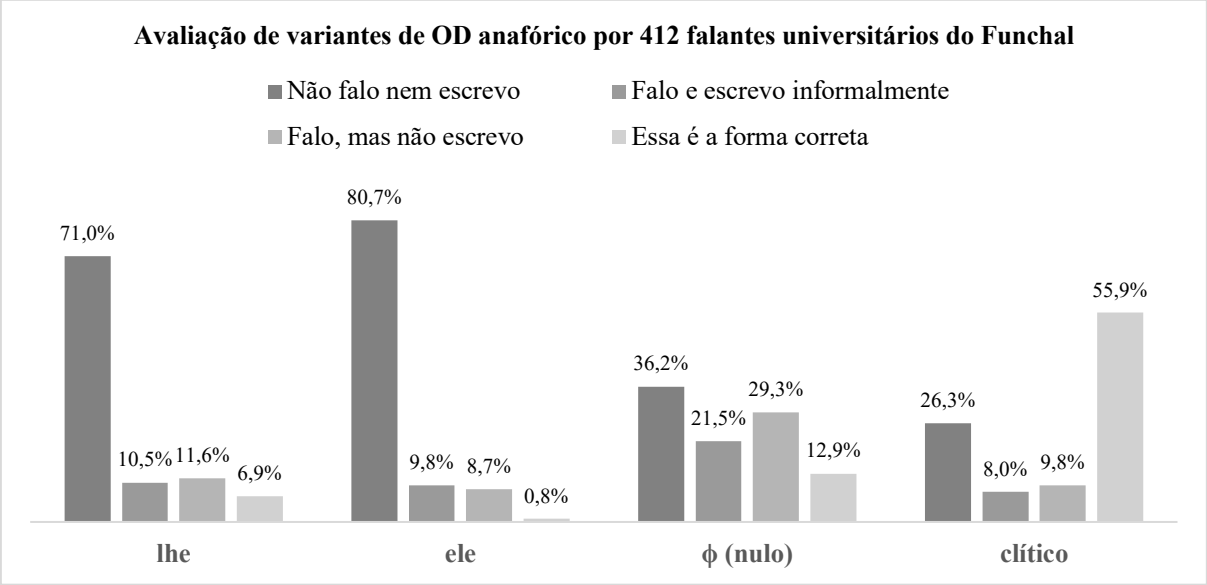

Gráfico 4. Avaliação de variantes de OD anafórico por 412 falantes universitários do Funchal (ilha da Madeira)
Fonte: Elaboração própria a partir de Rodrigues (2018).

Por outro lado, a variante padrão, com clítico, embora sendo a mais escolhida como a forma correta (55,9% das respostas) não obtém valores de aprovação numericamente equivalentes aos da rejeição das variantes com *lhe* e *ele*. Este resultado, permite-nos formular a hipótese de que neste grupo social parece existir uma competição entre a variante padrão e a variante OD nulo. Esta hipótese assenta igualmente nos valores obtidos por estas duas variantes na variável 1: 36,2% (variante OD nulo) e 26,3 % (variante com clítico *o*).

No trabalho de Rodrigues, foram também analisados, para além de condicionantes extralinguísticas, tais como o sexo do informante, o curso ao qual pertencia, e se já tinha vivido fora da ilha, fatores de controle linguísticos, nos quais se inclui o traço semântico [± humano] do OD, cujos resultados se apresentam na Tabela I, a seguir.

TABELA I.
Avaliação dada às variantes em relação ao valor semântico do OD (Rodrigues, 2018: 104)

AVALIACÃO	Ele		Lhe		Φ (nulo)		Clítico	
	+ Humano	- Humano	+ Humano	- Humano	+ Humano	- Humano	+ Humano	- Humano
1. Não escrevo nem falo	78%	83,5%	62,1%	89,1%	47,3%	29%	26,9%	25,7%
2. Falo e escrevo (informal)	10,9%	8,6%	13,3%	4,9%	20,5%	22,2%	7,1%	8,8%
3. Falo, mas não escrevo	10,2%	7,2%	15,2%	4,2%	23,3%	33,3%	9,8%	9,8%
4. Essa é a forma correta	0,9%	0,7%	9,4%	1,8%	8,9%	15,5%	56,2%	55,7%

A percentagem de aceitação da variante com *lhe* aumenta quando o N anafórico tem a propriedade semântica [+humano] como em "vi-lhe [o Pedro] na missa": 15,2 % dos inquiridos afirma utilizar esta variante apenas na oralidade e 9,4 % considera-a como sendo correta. Outro resultado onde parece haver incidência deste traço semântico é na avaliação da variante com OD nulo. Com um N anafórico [-humano], 29% dos inquiridos afirma não usar nem na fala nem na escrita, o que constitui uma percentagem inferior dos 33,3% que dizem utilizar esta variante apenas na oralidade.

Estes resultados parecem configurar uma ainda ténue distribuição na perceção social das duas variantes: a variante *ele* é mais estigmatizada pela jovem elite insular e a variante -*lhe* parece estar a progredir em termos de aceitabilidade.

Doutorada em Linguística Francesa, Professora Associada na Universidade da Madeira, Portugal.

2.2.3 Alexandra Nunes (2019)

O estudo de Nunes (2019), realizado no âmbito do seminário de Sociolinguística do mestrado de Linguística: Sociedades e Culturas, teve por objeto a variação ter / haver em construções existenciais, atestada nas variedades insulares do PE (CARRILHO E PEREIRA, 2011; PEREIRA, 2014; BAZENGA, 2019a). Atualmente, na norma do PE, quando não exerce papel de verbo auxiliar, o verbo *ter* encontra-se circunscrito a construções de posse, sendo a construção existencial impessoal realizada com o verbo *haver.*

O questionário, composto de 19 questões, foi aplicado a uma amostra de 25 participantes jovens, com idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos, a maioria diplomados do ensino superior (16/25) e residentes no Funchal (13/25).

São apresentados a seguir alguns dos resultados obtidos, sobretudo aqueles em que está em causa a avaliação da variante não padrão, com o verbo *ter.* O Gráfico 5 dá conta do fato dos falantes estarem familiarizados com esta variante, através das suas respostas à pergunta 4.

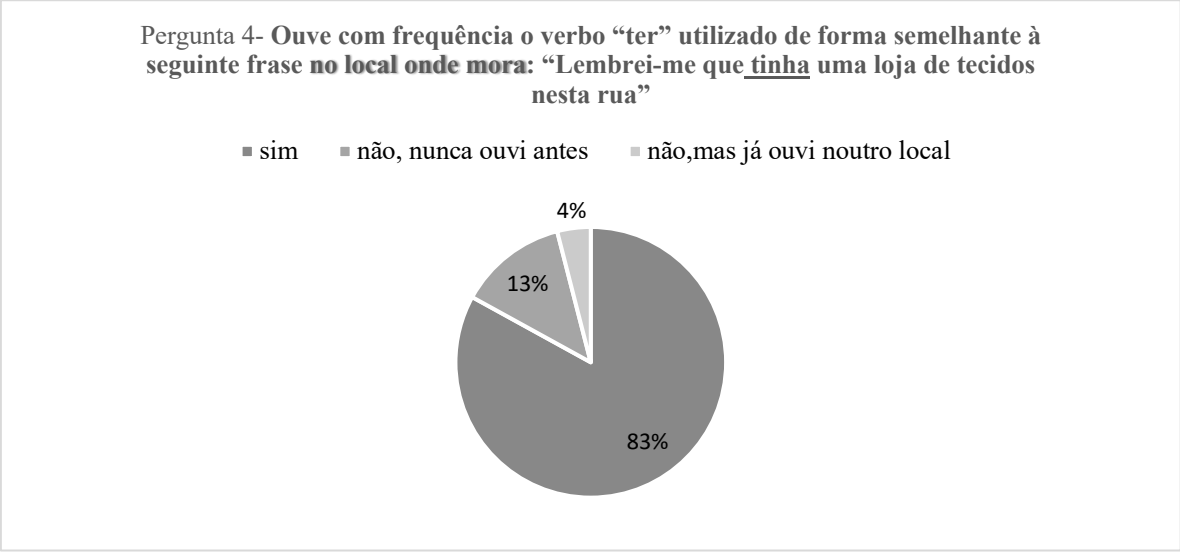
Pergunta 4- Ouve com frequência o verbo "ter" utilizado de forma semelhante à seguinte frase no local onde mora: "Lembrei-me que tinha uma loja de tecidos nesta rua"
sim
não, nunca ouvi antes
não,mas já ouvi noutro local
4%
13%
83%

Gráfico 5. Avaliação da variante ter existencial 25 falantes madeirenses.
Fonte: Elaboração própria a partir de Nunes (2019).

Ainda no mesmo eixo avaliativo (naturalidade vs estranheza), apresentam-se a seguir as avaliações dadas a uma série de exemplos de construções com o verbo *ter* (Gráfico 6).

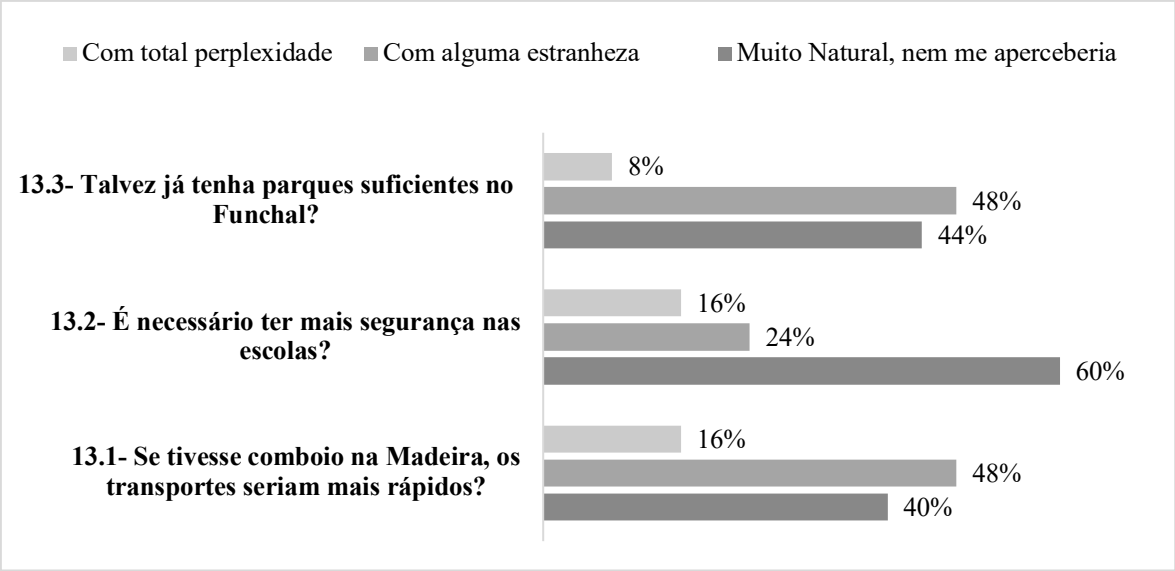

Gráfico 6. Avaliação da variante ter existencial 25 falantes madeirenses.
Fonte: Elaboração própria a partir de Nunes (2019).

O verbo *ter* apresenta, nas três frases, diferentes formas morfológicas. Esta variação na informação morfológica de TMA do verbo *ter* parece condicionar as avaliações feitas pelos falantes madeirenses. Dos três exemplos, a construção em que o verbo *ter* se encontra no infinitivo (13.2) é avaliada como mais natural por 60% dos participantes.

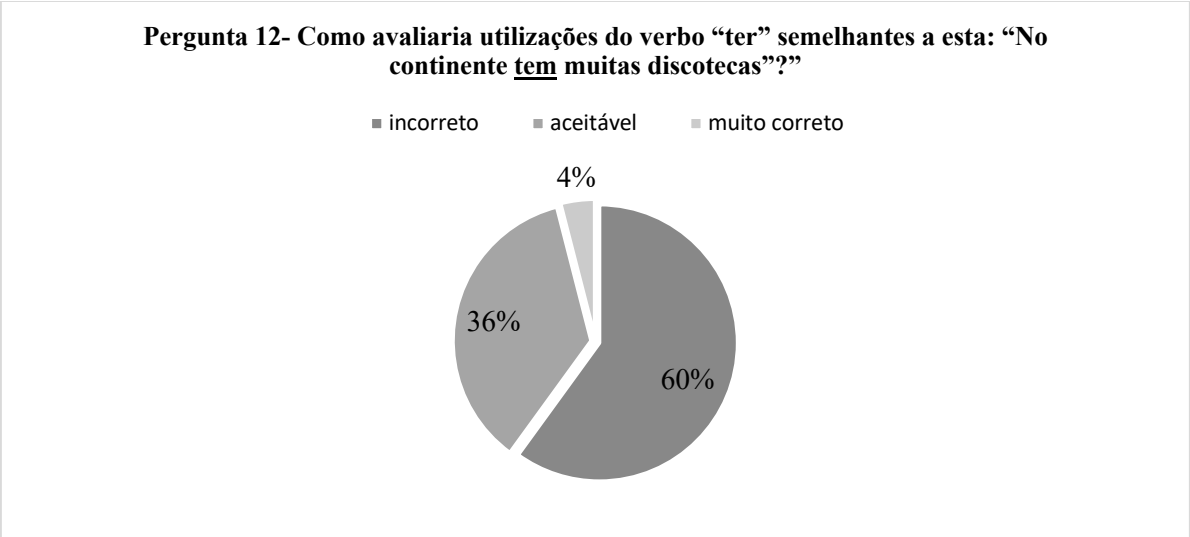

Gráfico 7. Avaliação da variante ter existencial 25 falantes madeirenses.
Fonte: Elaboração própria a partir de Nunes (2019).

Apesar de se tratar de uma variante familiar, os falantes consideram, na sua maioria, como não sendo correta. É o que se pode inferir a partir das respostas dadas à pergunta 12 (Gráfico

7): 60% selecionou “incorreto”, apenas 4% referiu que se tratava de uma variante “muito correta” e 36% opinou como sendo “aceitável”.

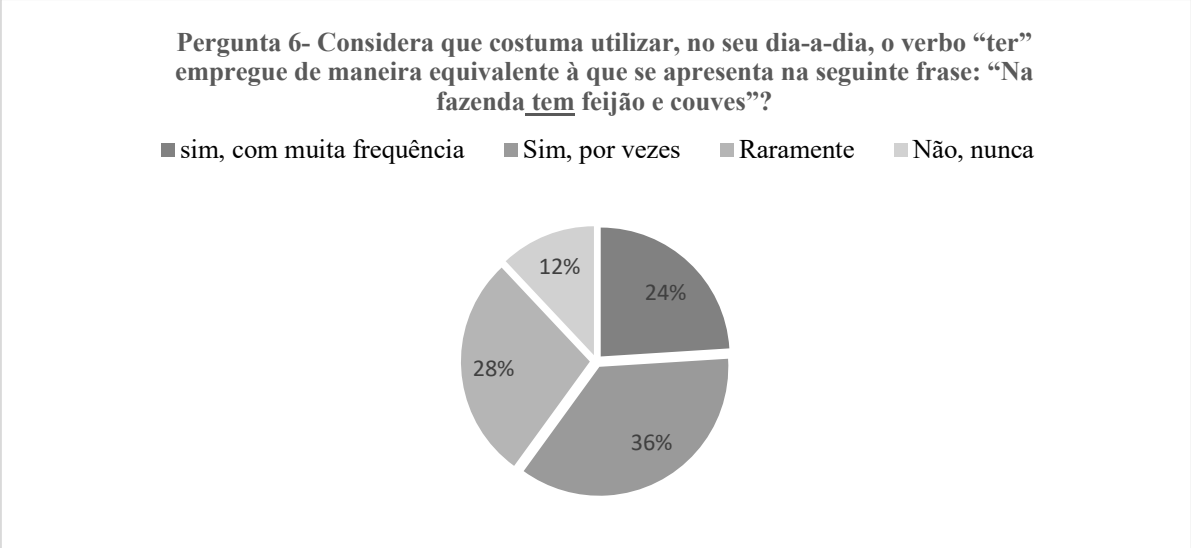
Pergunta 6- Considera que costuma utilizar, no seu dia-a-dia, o verbo “ter” empregue de maneira equivalente à que se apresenta na seguinte frase: “Na fazenda tem feijão e couves”?
sim, com muita frequência
Sim, por vezes
Raramente
Não, nunca
12%
24%
28%
36%

Gráfico 8. Autovaliação do uso da variante ter existencial por 25 falantes madeirenses.
Fonte: Elaboração própria a partir de Nunes (2019).

No plano da autoavaliação, quando questionados se costumam utilizar, no seu dia-a-dia, o verbo “ter” empregado de maneira equivalente à que se apresenta na frase “Na fazenda tem feijão e couves” (Gráfico 8), apenas 12% dos participantes consideram que nunca utilizariam uma frase deste tipo. Predominam as respostas afirmativas, com referência a um uso mais ou menos frequente: “Sim, com muita frequência”, com 24%, “Sim, por vezes”, com “36%” e “Raramente”, com 28%.

Conclusão

Em suma, apesar de terem acesso à norma do PE através da escola, as variedades faladas na Ilha da Madeira distanciam-se em vários pontos desta norma linguística do português. Os dados de interpretação da fala nas entrevistas realizadas a falantes madeirenses mostram que têm consciência social destas diferenças. Reconhecem, por exemplo, o que é falar “direito” e a necessidade de modificar, em certas situações, a sua forma de falar de modo a aproximá-la do padrão normativo e, através deste comportamento, beneficiar de uma imagem social positiva, tal como observa Guy (2013, p. 63):

> "(...) in many, perhaps all, societies, the prestige forms of sociolinguistic variables are used more by higher status speakers (...) speakers in such communities have cognitive awareness of these patterns. In their own behavior speakers manipulate their use of sociolinguistic variables for stylistic ends (using more prestige variants typically indicates a more careful speaking style)"[4].

Algumas variedades faladas no espaço insular surgem mais estigmatizadas do que outras. Os sotaques de Machico e de Câmara de Lobos são os mais frequentemente referidos como mais salientes no território insular e aqueles de que menos se gosta. Na ótica de Oushiro (2015), estes comentários avaliativos podem, também, ser interpretados como formas de "afirmação por negação", por meio das quais os informantes afirmam as suas identidades sociolinguísticas, ou seja, não o fazem através de "eu sou", mas sim, através de "eles são" e, ao utilizarem este procedimento, definem-se como "eu não sou como eles".

Os resultados de Andrade (2014) no domínio da variável "realização anafórica de OD" mostram que a variante com *ele* goza de maior prestígio junto de falantes mais velhos e menos escolarizados. A mesma variante é aquela que é objeto de maior estigma por parte dos falantes jovens e cultos que participam no estudo de Rodrigues (2018). Estes fatos autorizam-nos a considerar a hipótese desta variante representar, na mente dos falantes madeirenses, um *marcador* de classe social (LABOV, 1972). Esta hipótese articula-se com uma outra, mais abrangente, que conduz a encarar a possibilidade de estarmos perante uma sociedade insular bipolarizada, caracterizada pela coexistência de duas identidades sociais – as da elite e a popular – indexadas a padrões avaliativos e atitudes distintos. O trabalho de análise de produção linguística não-padrão por falantes madeirenses de Bazenga (2019b) inscreve-se nesta hipótese.

[4] Em português: "(...) em muitas, talvez em todas as sociedades, as formas de prestígio das variáveis sociolingüísticas são mais usadas por falantes de classe alta (...) os falantes dessas comunidades têm uma consciência cognitiva desses padrões. No seu próprio comportamento, os falantes manipulam o uso de variáveis sociolinguísticas para fins estilísticos (usar mais variantes de prestígio normalmente indica um estilo de fala mais cuidadoso)". (trad. pelo autor).

Doutorada em Linguística Francesa, Professora Associada na Universidade da Madeira, Portugal.

Para melhor compreender a dinâmica da variação e da mudança linguística, como pressuposto nos estudos da sociolinguística variacionista, torna-se necessário entender a articulação complexa entre língua / espaço social e encará-la como uma correlação envolvendo dois planos complementares (SENE, 2019): o da avaliação e de atitudes - ou o plano de como a língua é percebida, interpretada e objeto de determinada atitude social, de aceitação / rejeição - e o da produção, ou o plano da fala concreta, em interação.

Este trabalho permite avançar na formulação de hipóteses mais fundamentadas em dados observáveis, mas não ainda decidir quanto à configuração da sociedade madeirense em termos de comunidade de fala insular heterogeneamente ordenada. Em nosso entender, esta questão continua em aberto, requer mais dados de produção e de avaliação e a sua modelagem quantitativa.

Referências

ALBARRACIN, Dolores; SHAVITT, Sharon. Attitudes and attitude change. **Annual Review of Psychology,** 69, p. 299-327, 2018.

ANDRADE, Catarina. **Crenças, Perceção e Atitudes Linguísticas de Falantes Madeirenses**. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos e Culturais. Funchal: UMa, 2014.

BAZENGA, Aline. Concordância de terceira pessoa plural: a variedade insular do PE (Funchal). *In:* Vieira, Sílvia Rodrigues (org.) **A concordância verbal em variedades do Português: a interface Fonética-Morfossintaxe**. Rio de Janeiro: FAPERJ/Vermelho Marinho, 2015, p. 74-101.

BAZENGA, Aline. A variação entre *ter* e *haver* em construções existenciais numa variedade insular do PE (Funchal). *In:* Carrilho, Ernestina, Martins, Ana Maria, Pereira, Sandra e Silvestre, João Paulo (orgs.) **Estudos Linguísticos e Filológicos Oferecidos a Ivo Castro.** Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 2019a, p. 181-216.

Doutorada em Linguística Francesa, Professora Associada na Universidade da Madeira, Portugal.

BAZENGA, Aline. Aspetos da sintaxe do português popular falado no Funchal. **Arquivo Histórico da Madeira**, Nova Série, 1, p. 727-758, 2019b.

BOTASSINI, Jacqueline. A importância dos estudos de crenças e atitudes para a Socio-linguística. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, n. 18/1, p. 102-131, jun. 2015.

BRISSOS, Fernando; GILLIER, Raissa; SARAMAGO, João. O problema da subdivisão dialetal madeirense: estudo dialetométrico da variação lexical. *In:***Textos Selecionados. XXXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Associação Portuguesa de Linguística, 2016, p. 31-47.

CAMPBELL-KIBLER, Kathryn. The sociolinguistic variant as a carrier of social meaning. **Language Variation and Change** 22(3), p. 423–441, 2011.

CARRILHO, Ernestina; PEREIRA, Sandra. Sobre a distribuição geográfica de construçõessintácticasnão-padrão em português europeu. *In:* **XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística.** Lisboa, APL,2011, p. 125-139.

CINTRA, Luis Filipe Lindley. Os dialectos da ilha da Madeira no quadro geral dos dialectos galego-portugueses. *In:* FRANCO, José Eduardo (coord.) **Cultura Madeirense. Temas e Problemas***,* Porto, Campo das Letras, 2008, p. 95-104.

DRAGOJEVIC, Marko; FASOLI, Fabio; CRAMER, Jennifer; RAKIĆ, Tamara. Toward a Century of Language Attitudes Research: Looking Back and Moving Forward. **Journal of Language and Social Psychology.** 40 (1), p. 60-79, 2020.

GARRETT, Peter. **Attitudes to Language.**Cambridge: Cambridge UniversityPress, 2010.

GUY, Gregory R. A identidade lingüística da comunidade de fala: paralelismo interdialetal nos padrões de variação linguística. **Organon**, vol. 14 (28/29), p. 17-32, 2000.

GUY, Gregory R. The cognitive coherence of sociolects: How do speakers handle multiple sociolinguistic variables? **Journal of Pragmatics,** 52, p. 63-71, 2013.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: U. of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. **The social stratification of English in New York City**. Washington, DC: Center for Applied Linguistics, 1966.

LAMBERT, Wallace E., HODGSON, R. C., GARDNER, R. C.; FILLENBAUM, S. Evaluational reactions to spoken language. **Journal of Abnormal and Social Psychology** 60(1), p. 44–51, 1960.

NUNES, Alexandra. A variante dependente "ter" na Variedade do PE da Madeira. **Seminário de Sociolinguistica. Mestrado em Linguística: Sociedades e Culturas**. Universidade da Madeira, 2019.

OUSHIRO, Lívia. **Identidade na Pluralidade. Avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo,** Dissertação de Doutoramento apresentada ao Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2015.

PEREIRA, Sílvia Afonso. A sintaxe na classificação dos dialetos portugueses. *In:***Textos Selecionados, XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, Porto: APL, 2014, p. 445-464.

PHARAO, Nicolai; KRISTIANSEN, Tore. Reflections on the relations between direct/indirect methods and explicit/implicit attitudes. **Linguistics Vanguard,**Vol. 5 (1), p.1-7, 2019.

RODRIGUES, Lorena da Silva. **O caso acusativo nos pronomes pessoais de terceira pessoa do português brasileiro e europeu**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2018.

SENE, Marcus Garcia de. Percepções sociolinguísticas, avaliações subjetivas e atitudes linguísticas: três domínios complementares. **Todas as Letras,** São Paulo, v. 21, nº1, p. 304-323, 2019.

Doutorada em Linguística Francesa, Professora Associada na Universidade da Madeira, Portugal.

VIANNA, J. B. S. **Semelhanças e diferenças na implementação de a gente em variedades do português**. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin J. Empirical foundations for a theory of language change. *In*: Lehmann, Winfred; Malkiel, Yakov (eds.), **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968, p. 97-195.

Doutorada em Linguística Francesa, Professora Associada na Universidade da Madeira, Portugal.

View publication stats